

CIDADE TIRADENTES: TERRITÓRIO E URBANIZAÇÃO CRÍTICA EM UM COMPLEXO HABITACIONAL DA METRÓPOLE DE SÃO PAULO, BRASIL.

Marcio Rufino Silva¹

Universidade de São Paulo (USP), Brasil

Introdução

O ponto de partida deste artigo é o **crítico**: o crítico da economia capitalista em seu estágio financeirizado, que se manifesta capilarmente em todas as instâncias possíveis da vida quotidiana. As metrópoles do mundo contemporâneo são claras expressões desta manifestação, sobretudo as metrópoles do chamado mundo subdesenvolvido. Assim, chegamos ao movimento de produção da chamada **segregação urbana**, no interior de um processo de produção de lugares que, embora estejam dentro da metrópole, são quase que completamente destituídos de atributos do urbano. Lugares onde sequer o **quotidiano** se apresenta como possibilidade concreta e as carências são a marca mais presente: transportes, saneamento básico, equipamentos do Estado referentes à saúde, educação, segurança etc.

Tal movimento crítico se assenta em um processo: a **urbanização crítica**, que se configura tal como a produção de um urbano destituído do urbano. Trata-se da impossibilidade do urbano para todos, nos termos dessa economia vigente e na reprodução dessa sociedade urbanizada (DAMIANI, 2004, p. 80).

Tomemos o exemplo de um gigante complexo habitacional presente na metrópole de São Paulo: **Cidade Tiradentes**, onde habitavam, em 2007, mais de 250.000 pessoas. Desde 1984, momento da inauguração dos primeiros conjuntos habitacionais constantes no local, este tem sido um grande celeiro da realização de políticas públicas habitacionais realizadas em São Paulo, promovidas pelo Estado brasileiro em suas mais diversas instâncias (municipal, estadual e federal). Além disso, o lugar conta com uma grande quantidade de

¹ Mestre em Geografia Urbana, pelo Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (DG – FFLCH – USP). Artigo elaborado em janeiro de 2009. Endereço eletrônico: marcioru@usp.br

habitações irregulares, tais como loteamentos clandestinos e favelas, incrustadas no meio dos conjuntos habitacionais.

Assim, propomos trabalhar o movimento dessa reprodução: a análise de algumas trajetórias de pessoas residentes na Cidade Tiradentes, tal como seus deslocamentos dentro da metrópole, serviu para demonstrar o tamanho de uma reprodução do urbano assentada no discurso oficial e na reprodução da economia capitalista por intermédio do espaço urbano². De tal maneira, tomamos tais deslocamentos e trajetórias em seus espaços-tempos, e pretendemos chegar à noção de território e territorialidade: em seu entrecruzamento, na compreensão de redes e tramas sócio-espaciais, vimos surgir o espectro de uma totalidade no corpo do processo de urbanização da metrópole paulistana.

O lugar

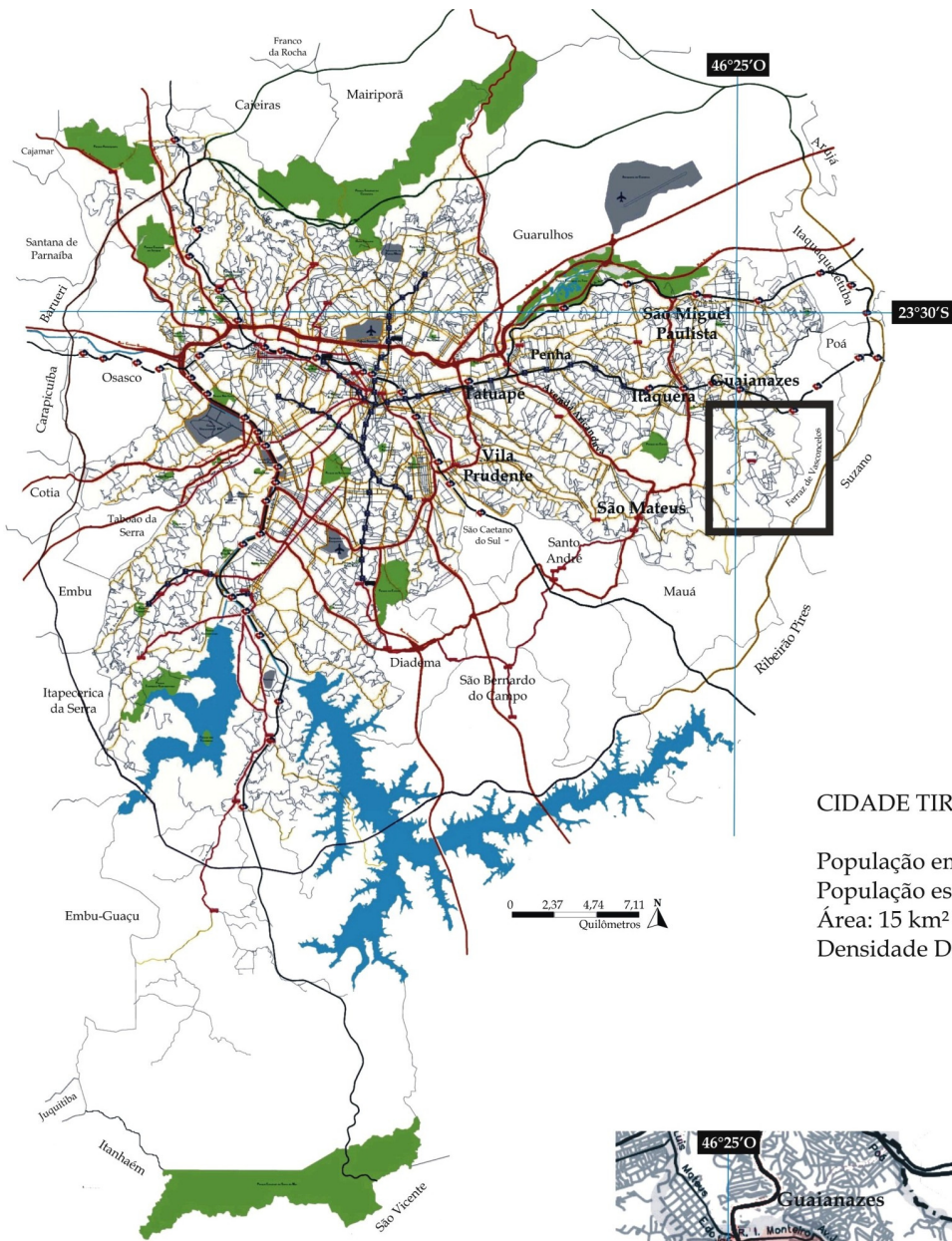
Cidade Tiradentes é um distrito do município de São Paulo³, que dista mais ou menos 30 quilômetros da Praça da Sé, o chamado “marco zero” da cidade. Saindo do centro da cidade, toma-se a chamada Radial Leste (que tem vários nomes, até chegar a seu final, em Guaianases) e, logo depois, a Avenida Aricanduva. Depois, o caminho se estende até a Avenida Ragueb Chohfi, já no distrito de São Mateus. Logo após, encontramos a Estrada do Iguatemi, uma importante via de acesso – e uma das únicas – para o distrito de Cidade Tiradentes.

Trata-se, realmente, de uma cidade, dada a sua extensão territorial

² Este artigo se baseia em nossa Dissertação de Mestrado, cuja defesa ocorreu em dezembro de 2008, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), cujo título é “**‘Mares de prédios’ e ‘mares de gente’: território e urbanização crítica em Cidade Tiradentes**”. Em nosso trabalho, nos baseamos em levantamentos bibliográficos diversos e em vários depoimentos de moradores da região, bem como de pessoas envolvidas direta ou indiretamente ao processo de concepção e implantação dos conjuntos habitacionais. Por tal razão, em todo este artigo haverá alguma referência ao plano do vivido dessas pessoas, embora seus depoimentos não estejam exatamente transcritos aqui.

³ Trata-se de uma divisão político-administrativa presente no Brasil. O país se divide em 26 estados (além do Distrito Federal, onde está a capital Brasília), que por sua vez se subdivide em municípios, cada um administrado por uma prefeitura e uma câmara de vereadores própria. Grosso modo, cada município corresponde a uma cidade brasileira. São Paulo é o município mais populoso do Brasil (10.886.518 habitantes em 2007) e, dada sua magnitude, possui uma estrutura político-administrativa que divide sua área municipal em 96 distritos, divididos entre 31 subprefeituras. Cidade Tiradentes é um desses distritos.

urbanizada e suas dimensões populacionais. É composta basicamente por três grandes conjuntos habitacionais: Santa Etelvina (os mais antigos), Castro Alves (ou Barro Branco) e Inácio Monteiro; ocorre ainda a presença de mais três conjuntos de dimensões menores: Prestes Maia, Jardim dos Ipês e Sítio Conceição. Mas é uma “cidade” dentro de uma outra “cidade”; esta última que, enquanto metrópole, se realiza de forma fragmentada, aos pedaços. E, desta forma, a Cidade Tiradentes, ao mesmo tempo tão distante da área central da metrópole e tão dependente desta, coloca o crítico no cotidiano de seus moradores nestes termos, por vários caminhos diferentes. Trata-se de um crítico que se manifesta de variadas formas no vivido de seus moradores, desde as lembranças de tempos passados onde o rural imperava na região até o momento em que os conjuntos habitacionais foram sendo construídos e mais moradores chegavam ao local, perfazendo um percurso histórico que perdura até o momento atual. E o crítico vai muito além da penosa distância do centro da cidade: são os conteúdos do crítico, de uma forma geral, que estão postos no cotidiano, na forma de ser, de estar, de conceber e reproduzir suas formas de sobrevivência. Trata-se de vidas invadidas por várias histórias, muito significativas, que contém, em seu interior, a potência de elucidar outros conteúdos da metrópole.



CIDADE TIRADENTES (distrito)

População em 2000 (IBGE): 190.657 habitantes
 População estimada em 2007 (SEADE): 257.029 habitantes
 Área: 15 km²
 Densidade Demográfica estimada em 2007: 17.135 hab./km²



Fonte: Secretaria Municipal de Planejamento (SEMPA), 2007.

Elaboração: SILVA, M. R., São Paulo, 2008.

Localização do distrito no município de São Paulo.

A imposição dessa vida e desse cotidiano, que se apresentou e ainda se apresenta como a única alternativa para a sobrevivência, está implicada nas inúmeras formas de lutas quotidianas no e pelo espaço. Portanto, essas lutas compõem a forma de apropriação destes moradores em relação ao lugar. Sua relação com o lugar **são as lutas**, que vão muito além dos momentos de reivindicação propriamente dita, frutos de grandes mobilizações coletivas em torno de grandes questões que atingem a todos. As lutas, no plano do cotidiano, se compõem pelo crítico que é esse cotidiano, pela presença-ausência do Estado, expressa em todas as abundâncias e carências existentes no distrito.⁴

Em suas origens locais, ocorre uma grande variedade e quantidade de formas de luta implicada ao cotidiano de Cidade Tiradentes. O distrito conta com cerca de 200 associações de moradores, ONG's das mais diversas orientações ideológicas, propósitos e interesses, alguns grupos de jovens que se reúnem, numa certa freqüência, para estudarem e discutirem idéias e teorias em conjunto... todos fazem parte do grande mosaico de lutas e formas de participação política possíveis em Cidade Tiradentes. Entretanto, essas lutas, tal como todas as demais práticas espaciais dos moradores do distrito foram – e são, agora mais do que nunca, em tempos de flexibilização produtiva e liberalismo econômico, que exclui mais ainda muita gente de qualquer possibilidade de acesso ao urbano – invadidos por toda a miríade de tempos e espaços oriundos dos movimentos da economia brasileira e mundial, os tempos da metrópole, além de estarem completamente atravessados pelos mais variados processos de constituição do local; e tudo isso se encontra vinculado a uma imensa trama de interesses políticos e econômicos de certos

⁴ “O distrito de Cidade Tiradentes abriga o maior complexo de conjuntos habitacionais da América Latina [...]. Um complexo produzido por uma visão de ação pública que compreende o urbano de forma instrumental e produtivista. [...] Cidade Tiradentes concentra mais de 40 mil unidades habitacionais. Elas foram produzidas quase integralmente na década de 1980 pela COHAB [...] e por grandes empreiteiras, aproveitando-se do último financiamento importante do BNH [Banco Nacional de Habitação] [...] antes de seu fechamento, [em 1986]. Cidade Tiradentes foi planejada como um grande conjunto periférico e monofuncional, do tipo ‘bairro-dormitório’, para deslocamento de populações atingidas por obras públicas, tal como ocorreu com a Cidade de Deus, no Rio de Janeiro. O Estado foi ali o grande protagonista da produção do espaço, ao contrário da grande maioria dos distritos periféricos de São Paulo. Apesar de ser ‘cidade formal’, Cidade Tiradentes é também ‘cidade oculta’ e vive uma ausência do poder público semelhante aos demais distritos da periferia.” PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Cidade Tiradentes: plano de ação habitacional...**, pp. 9 e 10.

grupos específicos. A luta, tal como se coloca em Cidade Tiradentes, é uma luta do cotidiano, a luta pela sobrevivência dentro dos territórios da exclusão e do confinamento em um lugar onde as históricas dificuldades de deslocamento são sobejamente conhecidas.

Há um movimento imerso em todo o corpo deste trabalho, que coloca o plano da luta desconhecendo o plano do tecnocrata, do urbanista; este movimento está incluído noutro possível: **a reivindicação pela possibilidade do humano enquanto uma concretude**. Muito mais do que um jogo de ação-reação, onde os atores sociais vão se compondo no seu cotidiano de forma a reagir e a resistir a todas as determinações que o próprio cotidiano coloca, ele compõe o outro, o possível; em contraposição ao concebido surge o vivido. É o vivido que ressignifica, e está implicado, na prática social do cotidiano. É o plano do cotidiano que põe termo às necessidades, os termos do vivido.

O cotidiano, este preche de situações que colocam o crítico a todo o momento na vida das pessoas, produz e reproduz esse espaço de lutas, lutas diversas e várias que vão compondo e se recompondo por intermédio das territorialidades que vão surgindo neste ínterim.

O processo

Cidade Tiradentes foi construída nas áreas pertencentes ou adjacentes à antiga **Fazenda Santa Etelvina**, que manteve suas atividades até fins da década de 1970. O rural em Santa Etelvina foi se reproduzindo e articulando a presença possível do urbano como um futuro se presentificando, no momento em que as terras foram sendo transferidas, tanto em posse quanto em propriedade, para os mais diversos agentes.

O caso da transferência da propriedade das terras da Fazenda Santa Etelvina, muito emblemático e nebuloso, demonstra essa articulação de interesses por intermédio da articulação de escalas: de “Nelson Resende” as terras passaram para a “Rádio Bandeirantes”, em algum momento da década de 1970, que logo depois repassou o terreno à “Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo” (COHAB–SP). No momento dessa intermediação colocada pela Rádio Bandeirantes, houve uma retirada maciça de vegetação,

trabalho que foi executado também pela mão-de-obra local. Enquanto isso, a COHAB já começara a pontuar as paisagens da Zona Leste com seus famosos conjuntos habitacionais de grande porte⁵.

Antes de existir esse processo de urbanização na região leste de São Paulo, sua ligação com a cidade que se transfigurava em metrópole já se colocava no seio da construção civil, na década de 1940. As **olarias** produziam tijolos e a Fazenda Santa Etelvina produzia carvão para essas olarias, então muito lucrativas. Tão lucrativas quanto as olarias, o parcelamento das terras “cercadas” dos arredores de Guaianases faziam algumas pequenas fortunas a lideranças políticas locais. Ocorre também a projeção de algumas personalidades, no campo da economia local, como Saturnino Pereira e a família Matheus. Essa estrutura semi-urbana de Guaianases, tal como uma centralidade, atendia a estrutura rural de Santa Etelvina e arredores.

O lugar fora produzido constantemente por quem vivera esse lugar. As chácaras que serviam como casas de fim-de-semana para quem habitava no centro da cidade foram sendo gradativamente abandonadas, por conta da impossibilidade de sua reprodução como chácaras de veraneio ou de produção de frutas e hortaliças. O urbano se anunciava pouco a pouco, e os conjuntos habitacionais também indicavam a materialização de um projeto de “ocupar e desenvolver” a Zona Leste de São Paulo, como um eixo de desenvolvimento urbano, aproveitando a possível conurbação São Paulo – Rio de Janeiro. O chamado “planejamento clássico”, em alta no Brasil da década de 1970, elegia os subúrbios orientais da metrópole como o grande celeiro de presentes e futuros conjuntos habitacionais (CHERKEZIAN, 2006).

⁵ A Zona Leste de São Paulo, onde se localiza a Cidade Tiradentes, é onde se encontra a maior parte dos conjuntos habitacionais do município de São Paulo.



PMDI – Zonas Prioritárias de Atendimento – 1970, segundo Cherkezian (2006), sem escala.

As lutas pelo lugar, no período pós-conjuntos, se deram no contexto das vicissitudes políticas e econômicas que atingem a escala nacional, na década de 1980 – período do fim da Ditadura Militar e reabertura política – e colocam a crise do planejamento urbano vigente até este período. Resultado: a produção dos conjuntos Santa Etelvina e Barro Branco, em meados dessa década, marcou o início de um longo e penoso período de lutas para os moradores da nascente Cidade Tiradentes. Praticamente todas as infra-estruturas que seriam necessárias a essa população foram chegando muito tardiamente, ao passo em que famílias inteiras de invasores “esquentavam” o lugar para futuros processos de valorização.

Nesse íterim, as redes e as territorialidades foram marcando o vivido e o percebido no nascente conjunto habitacional. Desde muito cedo, obrigou todos os seus moradores a lutarem, no campo do cotidiano, pelas melhorias que aos poucos foram chegando. Mas a quantidade é sempre insuficiente, não é capaz de suprir as necessidades de um complexo de conjuntos habitacionais onde residem mais de 250.000 pessoas, que precisam se deslocar o tempo todo.

Ao nível do concebido e do realizado, o espaço é apresentado como lócus de moradia em si, sem a ligação necessária com as benesses de uma infra-estrutura urbana mínima. Entretanto, espaço e tempo se mesclam nas teias do vivido, e é esse vivido que vai ressignificar alguns conteúdos do urbano em Cidade Tiradentes. O crítico coloca suas questões, que se transfiguram em formas de luta várias. Cidade Tiradentes é marcada em sua história pelos fluxos e pelos territórios advindos desses fluxos. E como podemos compreender os conteúdos desses territórios? De que forma a análise dessas territorialidades, no campo dos deslocamentos espaço-temporais vão compondo as teias de relações sócio-espaciais de seus moradores dentro da metrópole? Como uma tentativa de elucidar tais questões, atentemos para o contexto do crítico produzindo periferias altamente complexas em sua estrutura interna, dotadas de grandes equipamentos de consumo e também de equipamentos do setor público, onde as mais variadas “faixas de renda” convivem lado a lado, o tempo todo. Atentemos também para o fato de essas periferias continuarem sem os empregos necessários para toda a população e ainda apresentarem debilidades em relação às redes materiais de deslocamento: vias terrestres, sistemas de transporte público etc. A partir daí, chegamos aos territórios.

Territórios?

Aqui propomos um entendimento do território enquanto composto por práticas espaciais diversas: aqui, as territorialidades são vistas por intermédio dos deslocamentos intra-urbanos, e são entrecruzadas nas trajetórias dos indivíduos atravessadas por suas práticas espaciais dentro da trama social da metrópole como um todo. De acordo com Roncayolo (1997, p. 19),

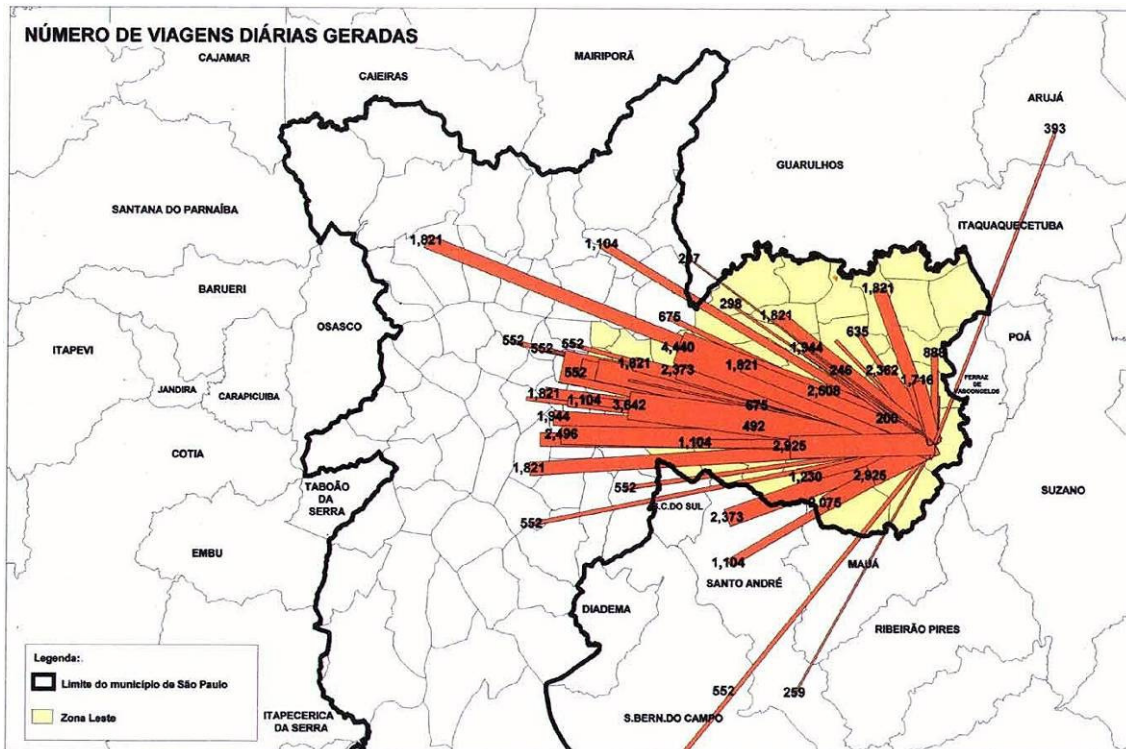
“A cidade é um território particular ou uma combinação de territórios. [...] Ela organiza um território ou, simplesmente, um sistema de relações cujas características e limites, construção política ou administrativa, área de mercado e zona de ação restam por determinar”.

Os sistemas de relação entre os habitantes das cidades marcam de forma precisa essas territorialidades. Neste ponto, pretendemos compreender como as escalas de ação se tornam territorialidades dentro da articulação e intersecção de escalas. Agora é importante termos, de alguma forma, elementos que nos permitam compreender como os moradores de Cidade Tiradentes percebem e vivem a **metrópole**. Na escala intra-urbana, os graus de interação desses moradores com outras escalas e territórios articulam um entendimento possível do urbano. Além disso, resta buscarmos uma relação entre os **deslocamentos** e as **territorializações**.

“A cidade é território e dispõe de um território, seja pelo jogo das instituições ou, de maneira mais informal, de suas próprias atividades. Essa vocação de dominar os fluxos externos vai da área rural imediata à organização de uma rede comercial internacional.” (RONCAYOLO, 1997, p. 207)

A cidade é entendida, neste íterim, enquanto um território que supõe o surgimento de várias outras territorialidades: essas que se colocam no espaço intra-urbano são decorrentes, também, das formas várias de luta existentes no corpo urbano. Essas formas de luta várias estão entrecruzadas nos territórios das vidas quotidianas e temporalidades da metrópole. Trata-se de um momento imbricado com contexto do crítico, onde as territorialidades ajudam a compreender esse movimento.

A propósito dos deslocamentos dentro da metrópole, as linhas vão se entrelaçando e compondo as redes e este é o ponto nevrálgico da metrópole especializada, produzida enquanto uma expressão da divisão territorial do trabalho. A especialização da metrópole, posta nos inúmeros planos e formas de controle dos processos de urbanização, se manifesta no plano do crítico e se inscreve na noção de “crise urbana”. Neste íterim, a implosão da metrópole se baliza no tocante à natureza e às barreiras a esses deslocamentos diários. Vejamos o mapa abaixo, por exemplo.



Número de viagens diárias geradas em 1997. Fonte: Metrô, apud PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Cidade Tiradentes: plano de ação habitacional...**, p. 14.

O distrito de Cidade Tiradentes, ponto de partida dessas linhas que simbolizam a quantidade de viagens diárias geradas, imprime sua marca em toda a cidade por intermédio desses deslocamentos; dessa forma, o quantitativo se reúne ao qualitativo no momento em que as práticas espaciais de seus moradores compõem suas territorialidades. Nos tempos da Fazenda Santa Etelvina, por exemplo, seu território já estava plenamente inserido no contexto da divisão territorial do trabalho intra-urbano, embora esse urbano ainda não tivesse chegado àquela localidade. No entanto, o urbano chegou e chegou imprimindo a marca da necessidade de fluxos diários e contínuos, marcando sobremaneira a vida de quem já vivia em Santa Etelvina e de quem chegou após a implantação dos conjuntos habitacionais. Esses deslocamentos, espaço-temporais, marcam as trajetórias desses sujeitos e compõem a trama do tecido sócio-espacial da metrópole.

Essas são redes que se formam e se ramificam pela cidade de São Paulo, corporificando vários processos e apoiados em vários pressupostos diferentes, decorrentes das condições econômicas, sociais e políticas estabelecidas. A totalidade desses processos, o que denota grande

complexidade no tocante à sua análise enquanto total, pode ser vista no prisma das relações sociais que vão se construindo enquanto relações espaciais.⁶ As paisagens urbanas vão delineando o processo de transmutação de uma cidade em metrópole, no curso de um século, por intermédio de entrecruzamento de escalas de ação variadas. São territórios que se formam e vão pontuando e tecendo a possibilidade de compreendermos o teor do crítico no seio do urbano na metrópole como um todo e na Cidade Tiradentes. E tais territórios, campos de práticas espaciais diversas, compõem linhas de intensidade diversas, as quais colocamos em sua intersecção: a **linha vertical** das cronologias, a **linha horizontal** das espacialidades e a **linha perpendicular**, posta pelo Estado (TELLES, 2006, pp. 70 e 71). Dentro da perspectiva que busca encontrar as territorialidades dessas linhas de intensidade das mobilidades urbanas, colocamos que tais linhas configuram níveis de práticas sócio-espaciais dentro da trama do cotidiano. Trata-se, portanto, de **escalas de ação**. Tais escalas de ação se entrecruzam aos territórios, são compostos por eles e estão entremeados pelo cotidiano, que abarca o vivido.

As periferias urbanas, muito mais do que pressuporem **apenas** o exílio, pressupõem também o seu outro: a possibilidade de um **novo agir**, de um **novo pensar** dentro do contexto desse crítico. Sem apelar a falsos otimismo e tentando fugir da perigosa ingenuidade romântica em relação ao grau de consciência de quem vive a situação do crítico de forma mais dramática, é preciso colocar o outro lado da moeda. O vivido, o corpo, o que dá consistência à forma vazia e à situação é o mais importante na análise que fazemos e no que propomos em relação a um caminho de interpretação da urbanização crítica e seus territórios.

Quanto à necessidade de se colocar os termos da complexidade da urbanização crítica por meio da análise dos deslocamentos e configuração de

⁶ “Disputas pelo e no espaço: esses mesmos territórios que receberam as primeiras gerações em sua epopéia de progresso na ‘cidade grande’ são pontilhados por ocupações que se sucedem em ritmos e intensidades diferentes, daí resultando um verdadeiro mosaico de situações, histórias e trajetórias que se corporificam em uma paisagem em que mal se distinguem as fronteiras entre bairros consolidados, áreas de ocupação ou, ainda, o favelamento que vai se espalhando por todos os lados. São histórias, portanto, que se entrelaçam nas vizinhanças e contigüidades de seus espaços.” TELLES, Vera da Silva. **Trajetórias urbanas: fios de uma descrição da cidade**. In: TELLES e CABANES (org.) **Nas tramas da cidade...**, p. 78.

territórios, é preciso entender a convivência entre as mais diversas situações que,

“[...] tal como um prisma, a cidade vai se perfilando nos seus focos de tensão, nos seus campos problemáticos. A questão vai surgindo no entremeio, no momento em que o caleidoscópio gira e faz ver toda a complicação do mundo urbano. [...] Toda a complicação que vem junto com a reestruturação produtiva em tempos de globalização e devastação neoliberal pode ser apreendida aí. Mas é nisso também que a noção de território pode se mostrar operante. Se é preciso a crítica, é no jogo das comparações que ela vai sendo tecida, ou melhor: **é nesse jogo de simultaneidades que os parâmetros da crítica podem ser construídos**, evitando, na falta de outro ancoramento, o risco tão presente nos dias atuais de fazer dos ‘tempos fordistas’ um modelo normativo a partir do qual tudo o que vem depois só pode aparecer no registro do vazio.”(TELLES, 2006, p. 74)

O **simultâneo** é o que coloca as regras de um jogo cujas regras não aparecem de forma definida ou muito clara. O jogo é a vida, são as binaridades que determinam as escolhas possíveis e silencia as impossíveis para imensa parcela da população dentro da metrópole, perfaz todo o tecido sobre o qual se assentam as relações e práticas espaciais dentro do corpo metropolitano.

O que fica de tudo isso...

Aqui, procuramos tecer algumas reflexões a respeito do processo de constituição e afirmação da Cidade Tiradentes como um gigante complexo habitacional dentro da metrópole paulistana. A afirmação das antigas terras de Santa Etelvina como loci possíveis de construção de conjuntos habitacionais de grande porte passou por inúmeros processos de transformação da fisionomia e das estruturas locais. A propriedade privada da terra, estatuto jurídico que rege grande parte das relações possíveis dentro do modo capitalista de produção,

fora afirmada e negada em todo esse processo de constituição do urbano na região, o que denota seu movimento dialético com vistas à supressão do rural e à afirmação do urbano no local.

No entanto, não é um movimento findado, pronto; as fissuras e os campos de práticas compõem certas territorialidades que se fazem importantes no tocante à compreensão de sua natureza. Assim, o Estado que produziu enquanto concepção uma Zona Leste possivelmente pontuada de grandes conjuntos habitacionais em consonância com algumas zonas industriais que possivelmente seriam implantadas produziu como prática uma região muitíssimo carente de empregos onde a grande maioria de sua população precisa se deslocar a grandes distâncias quotidianamente. O desnível entre o político e o econômico impôs um limite aos termos da execução desse plano: enquanto as indústrias saíam de São Paulo e a economia brasileira como um todo aprofundava seu ciclo recessivo combinado a altíssimas taxas de inflação, os distantes conjuntos habitacionais Santa Etelvina e Barro Branco começavam a ser implantados.

Implantação significa a realização do ciclo da mercadoria via poder público: os primeiros mutuários começam a chegar e, junto com os invasores que ocuparam os vazios deixados por mutuários que não ocuparam suas unidades habitacionais, “desbravaram” e “esquentaram” a terra, que teria em curso futuras formas de valorização. O custo de tudo isso é conhecido: um imenso local onde não havia a mínima infra-estrutura possível de transportes, serviços, equipamentos comerciais e lazer para sua população. O crítico do modo “fordiano” de produção se mostrou em sua face mais dramática, impondo o monofuncional do morar em si, sem qualquer benesse em relação às possibilidades que o entorno poderia oferecer.

A trajetória de quem viveu e vive essa realidade é marcada pela experiência de um urbano que não se realiza senão enquanto mercadoria, e impõe o crítico como sua expressão máxima a imensa maioria da população urbana. **É o urbano que convive lado a lado com a sua negação, e pela vontade e necessidade de ascensão ao cotidiano.**

A ascensão ao cotidiano vem acompanhada pelo estranhamento, pela percepção de que processos de valorização do espaço produzem um espaço

amnésico, sem memória, sem as referências que poderiam balizar outras formas de luta e outros possíveis, para além das binaridades quotidianas. O jogo social se intrinca ao território e lança suas capilaridades no interior do quotidiano de todos. Assim, ao mesmo tempo em que as dificuldades de deslocamento são ainda várias, os moradores da Cidade Tiradentes contemporânea reconhecem as transformações no seu espaço calcadas na representação do positivo da implantação de equipamentos de serviços, comércio e lazer. A presença do recém-inaugurado Hospital Cidade Tiradentes, e do Centro de Educação Unificado (CEU) Água Azul, assim como de grandes supermercados e de um terminal de ônibus urbanos aparece como um grande avanço frente às estruturais carências de um distrito quase isolado do restante da metrópole.

A construção de uma identidade local parece ser uma preocupação de quem começa a ter esse desafio como interessante. O repensar da história de Cidade Tiradentes, promovido por um professor de História de uma escola pública do lugar, juntamente à luta pela implantação do Parque da Ciência, por parte da comunidade da escola “Oswaldo Aranha” são alguns exemplos de projeção de possibilidades para o crítico da Cidade Tiradentes. O “gostar de morar em Cidade Tiradentes” significa muito mais do que o recurso a um localismo ou bairrismo, pois denota a possibilidade de reconhecimento autônomo da importância do lugar como a importância dos moradores tal como sujeitos políticos que vivem o mais crítico do urbano.

Percebemos que, dentro de todo esse movimento, os fluxos e as trajetórias marcam as paisagens e a vida de Tiradentes, desde tempos imemoriais. A presença desses deslocamentos perfaz trajetórias que são atravessadas pelas mais diversas escalas e territorialidades do espaço-tempo da metrópole e suas ramificações perante seu entorno não-urbanizado.

Enfim, é uma região que tem conhecido profundas transformações, mas, no entanto, ainda não conseguiu superar o seu crítico. Dentro de um quotidiano alcançado por algumas pessoas, é preciso aventar para a possibilidade de ir para além desse quotidiano, a conquista de um urbano que realmente atenda aos propósitos de realização do humano, para a superação do fetiche da

mercadoria e de todas as formas de opressão e exclusão advindas desse cruel processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria.** São Paulo: Estação Liberdade, 2004. (4ª edição).

CARLOS, Ana Fani Alessandri e CARRERAS, Carles (org.) **Urbanização e mundialização: estudos sobre a metrópole.** São Paulo: Contexto, 2005 (Novas abordagens. Geosp; vol. 4).

CHERKEZIAN, Henri. **¿Donde está la plata?** São Paulo, 2007. (mimeo).

DAMIANI, Amélia Luísa. **Urbanização Crítica e Situação Geográfica a partir da Metrópole de São Paulo.** In CARLOS, Ana Fani Alessandri e OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (org.). **Geografias de São Paulo 1: Representação e Crise da Metrópole.** São Paulo: Contexto, 2004.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Plano Metropolitano de Desenvolvimento Integrado (PMDI).** São Paulo: Asplan S/A; Grupo de Planejamento Integrado S/A; Neves & Paoliello S/C Ltda., 1970.

HARVEY, David. **The Urbanization of Capital.** Oxford: Basil Blackwell, 1985.

LEFEBVRE, Henri. **De lo rural a lo urbano.** Barcelona: Ediciones Península, 1978. (4ª edição)

MARICATO, Ermínia. **Política Habitacional no Regime Militar: do milagre brasileiro à crise econômica.** Petrópolis: Vozes, 1987.

RONCAYOLO, Marcel. **La ville et ses territoires.** Paris: Gallimard, 1997.

TELLES, Vera da Silva e CABANES, Robert (org.). **Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios.** São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.